ISSN: 2674-9270
Volume. 7, n. 2, ago./dez. 2025

RESENHA

Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

A natureza ancestral: visões de futuro na poética de Krenak

Bernardo Almeida Rocha
Universidade Federal de Ouro Preto
E-mail: bernardob.rocha@hotmail.com

Silvana Barbosa Pereira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais
E-mail: silvana.pereira@ifnmg.edu.br

DOI: *https://doi.org/10.46636/recital.v7i2.652*

Recebido: *19 Fev. 2025*

Aceito*: 30 Set. 2025*

Como citar este artigo: ROCHA, Bernardo Almeida; PEREIRA, Silvana Barbosa. A natureza ancestral: visões de futuro na poética de Krenak. **Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG**, v. 7, n. 2, p. 257–262, 2025. DOI: 10.46636/recital.v7i2.652. Disponível em: https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/recital/article/view/652.

Está obra está licenciada sobre uma Creative Commons Attribution 4.0 International License. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, para propósitos comerciais, sem permissão por escrito. Para outros propósitos, a reprodução deve ser devidamente referenciada. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 122 p.

É comum ver algum brasileiro reconhecer como sagrado o rio Jordão, localizado no Oriente Médio, ou o rio Ganges, localizado no sul da Ásia, e os elevar ao status de rios muito importantes para a humanidade. Mas há algum rio que não possui importância para a perpetuação da existência humana? Parece que sim, pois quase não se vê, no cotidiano, pessoas que revelem um incômodo explícito ao ver cursos d'água, que, por vezes, não se sabe o nome, embora estejam na nossa vizinhança, transformarem-se em esgotos. Esse e outros pensamentos insurgentes são apresentados, com um tom reflexivo e cortante, pelo escritor Ailton Krenak, em mais uma coletânea de textos: o livro *Futuro Ancestral* (Imagem 1). A obra publicada pela Companhia das Letras, em 2022, se une a outras duas coletâneas do ambientalista — *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *A vida não é útil* (2020).

Imagem 1. Capa do Livro "Futuro Ancestral"



Fonte: Amazon (s.d.).

Ailton Krenak (Imagem 2) é um dos mais importantes líderes indígenas do Brasil, reconhecido nacional e internacionalmente por sua luta em defesa dos direitos dos povos originários e do meio ambiente. Nascido em Minas Gerais e integrante da etnia Krenak, ele se destacou, a partir da década de 1980, por sua atuação política e cultural, sendo uma voz ativa na Constituinte de 1988, onde defendeu os direitos indígenas. Além de ativista, Krenak é escritor e pensador respeitado. Em reconhecimento à sua relevância intelectual e social, foi agraciado com diversos títulos, como o de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UnB) e Professor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), além de ter sido eleito, em 2023, como o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Ailton Krenak não só representa a resistência dos povos indígenas, mas também a voz que ecoa condutas fundamentais, capazes de levar a humanidade a repensar sua relação com a natureza e com a diversidade cultural.

Imagem 2. Ailton Krenak



Fonte: Academia Brasileira de Letras (2024)

É com esse viés que, em pouco mais de 100 páginas, o autor apresenta para o leitor cinco potentes textos. No primeiro, ***Saudações aos rios,*** Ailton traz uma visão originária dos rios, na qual eles são concebidos como seres essenciais para a vida no planeta. Esses seres são descritos como poderosas formas de caminhos, os quais mudam a direção conforme a vontade, ora passando por montanhas, ora escavando rochas para se unirem a outros rios e ao mar. Na trajetória de cada um, carregam água de outros rios e águas que a florestas doam para as nuvens e que voltam a eles por meio de chuvas. Além disso, sustentam inúmeros povos que os habitam e usufruem da poesia de suas águas.

E essa poesia também inunda a escrita de Krenak, quando, por meio de um discurso sensível e emocionante, saúda o rio Doce, o seu companheiro Watu, a quem, em noites silenciosas, agradece a comida, a água e a existência de muitos povos. Observa-se que a concepção dos rios como sujeitos vivos se insere na corrente filosófica do perspectivismo ameríndio. Segundo essa visão, todos os seres — rios, animais, espíritos — possuem perspectivas próprias, nas quais "os animais veem-se como humanos e enxergam os humanos como 'espíritos' ou presas" (Castro, 1998). A ideia central dessa abordagem é que "o ponto de vista cria o sujeito" (Castro, 1996, p. 126). Ela também reafirma a interconexão entre todos os elementos do mundo, o que contrasta com a lógica ocidental, a qual separa natureza e cultura (Castro, 1996).

Além disso, essa perspectiva filosófica defende que as "almas" ameríndias — humanas ou animais — são categorias perspectivas, ou deíticos cosmológicos. Em vez de se tratar de uma psicologia animista ou uma ontologia substancialista, essa visão demanda uma teoria do signo ou uma pragmática epistemológica, revelando que a alma é essencialmente uma posição relacional. Nesse sentido, os rios, enquanto sujeitos dotados de agência e perspectiva, possuem um papel ativo na dinâmica de interconexões entre os seres do mundo.

Nessa linha poética e política, Krenak homenageia o rio Doce e saúda rios brasileiros como o São Francisco, o Tapajós, o Solimões, o Tocantins, o Jequitinhonha, o Mucuri e outros. A forma tocante como se dirige aos rios, inclusive aos rios flutuantes, revela um enorme respeito por esses seres ancestrais cujas vozes e apelos não têm sido ouvidos pela humanidade. Além disso, é de forma emocionada que o autor reconhece que a vida dos rios é a principal garantia de futuro para a humanidade.

A partir disso, pode-se observar que essa abordagem poético-emocional não é apenas expressão sensível, mas também política e epistemológica. Ao evocar os rios como sujeitos vivos, o autor se insere numa tradição de produção de saber situada e corporificada, como destaca Haraway (1988), na qual o conhecimento científico não é produzido por um observador neutro “deus que tudo vê”, mas por perspectivas parciais e encarnadas, marcadas pela localização social e biológica. Desse modo, reconhecer a "voz dos rios" implica posicionar-se politicamente e epistemologicamente, assumindo responsabilidade pelas relações de produção de saber que se estabelecem entre humanos e não-humanos.

Nessa direção, Krenak destaca que, embora os corpos d’água tenham essa relevância, a sociedade não se importa com eles, principalmente quando evoca em seus discursos a necessidade de se pensar na exploração desse recurso natural em nome de um pérfido “bem comum”. Ele lastima esse comportamento e afirma: “é preciso dizer, esses rios que invoco aqui estão sendo mutilados: cada um deles tem seu corpo lanhado por algum dano, seja pelo garimpo, pela mineração, pela apropriação indevida da paisagem” (Krenak, 2022, p. 20). A perpetuação desses danos é, para o autor, sentença da extinção humana.

Essa extinção também está prevista no segundo texto da obra: ***Cartografias para depois do fim.*** Nesse texto, ele propõe que todos imaginem “uma cartografia, camadas de mundo, nas quais as narrativas sejam tão plurais que os homens não precisem entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação”, ou seja, histórias de como o mundo foi criado (Krenak, 2022, p.32). A partir dessa proposta, são narradas poéticas visões de mundo sob a ótica de ameríndios, dentre eles, os Maxakalis e os Guaranis, que concebem a Terra como mãe da humanidade. Esses povos, segundo o escritor indígena, se guiam por seres invisíveis, para traçar uma cartografia afetiva do nosso planeta.

Na direção contrária, encontram-se as sociedades capitalistas, as quais o ambientalista crítica e a quem ele atribui a culpabilidade pelo extermínio dessas narrativas. De acordo com Krenak, muitos territórios indígenas estão sendo destruídos devido à visão ocidental de que a humanidade deve consumir a Terra. A aceitação dessa visão é decorrente da postura presunçosa do homem diante do planeta. Para o autor, a espécie humana é a personificação da prepotência. Sendo assim, não permite sentir-se planta, bicho, água. Vive na pele do todo poderoso homem e, por isso, não considera ou valoriza outras visões de mundo. Desse modo, pensar em um modelo econômico no qual a humanidade, em vez de explorar a natureza como algo de que ela dispõe, sinta-se parte integrante dela, é fundamental para a própria sobrevivência.

Essas reflexões se ampliam no texto seguinte: ***Cidades, pandemias e outras geringonças.*** Nele, o escritor expõe observações e pensamentos que povoaram sua mente no período da pandemia do Covid-19. Para isso, parte de um questionamento acerca do aprendizado que a pandemia teria proporcionado à humanidade, mas opta por refutar essa ideia, argumentando que momentos como esse não têm fins didáticos. Pelo contrário, só revelam o retrocesso da humanidade, quando apontam o quanto ela está dependente das tecnologias a ponto de terem se tornado a extensão do corpo humano. Nesse texto, Krenak volta a condenar o capitalismo que, conforme seu pensamento, está no cerne da fábrica de pobres em que o Brasil se transformou. Além disso, faz duras críticas à urbanização e ao consumismo. Para tal, recorre ao ex-presidente do Uruguai, José Mujica, cuja fala sentencia: “estamos substituindo a ideia de cidadão pela experiência de consumidor, e assim o mundo passa a ser habitado por clientes – alguns preferenciais” (Krenak, 2022, p.53).

Esse diagnóstico pode ser aprofundado à luz da teoria das “cidadanias mutiladas”, de Milton Santos, que nos mostra como a sociedade brasileira é sistematicamente fragmentada

pelas desigualdades capitalistas, gerando exclusões em larga escala no acesso à cidade, à informação e aos direitos. Santos (1996/1997) alerta que o discurso oficial brasileiro tende a selecionar quais causas sociais merecem visibilidade, frequentemente "folclorizando" a causa indígena ao tratá-la como parte da "natureza", o que reduz sua complexidade e impede seu real alcance. Ao mesmo tempo, a causa negra é silenciada, por estar diretamente relacionada à produção — e, portanto, aos conflitos estruturais da economia. "A verdade", afirma o geógrafo, "é que o discurso social no Brasil privilegia uma parcela da sociedade que tem problemas e desconsidera uma massa da população que tem problemas maiores, porque faz parte do processo da política" (Santos, 1996/1997, p. 137).

Como forma de aprofundamento dessas afirmações, Krenak traz o consumismo, mais uma vez, para o centro das reflexões suscitadas pelo penúltimo texto: ***Alianças afetivas***. Nele, o autor aponta fatos a respeito da expropriação da floresta Amazônica, em meados dos anos de 1970. A aliança afetiva a que se refere, surge no movimento Povos da Floresta, em 1980, que nasceu da união entre lideranças indígenas e seringueiros para reivindicar demarcações de território e preservação das florestas, já que, sem elas, não há futuro. Tal como os rios, as árvores também são concebidas, por Krenak, como seres ancestrais. Seres esses engolidos pelas cidades que vão ocupando, com cimento, os espaços das florestas. À medida que a urbanização avança, erguem-se muros que separam as cidades das florestas, o que ratifica o discurso que considera tudo que é selvagem como algo perigoso e que, por isso, deve ser eliminado. A partir dessa constatação, Krenak instiga o leitor a refletir sobre novas concepções de moradias, de quintais e de cidades, capazes de possibilitar uma vida mais harmônica entre o homem e a natureza. Segundo o autor, é imprescindível "reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida" (Krenak, 2022, p. 70).

Ademais, essa constatação dialoga profundamente com a visão de Kopenawa e Albert (2015). Para esses autores, a destruição das florestas não representa apenas um dano ambiental, mas também a ruptura de conexões espirituais fundamentais. Eles descrevem a floresta como um espaço vivo, habitado por espíritos e repleto de significados cosmológicos, que transcendem a percepção materialista ocidental. A fumaça gerada pela devastação da floresta — simbolizada pela urbanização e pelo consumismo desenfreado — sobe ao céu, ameaçando apagar as estrelas e, com isso, o equilíbrio do mundo. Esse colapso cósmico reflete o impacto de práticas que ignoram as relações interdependentes entre humanos, natureza e espíritos, reforçando a urgência de repensar a maneira de habitar o planeta.

Por fim, no quinto texto, ***O coração no ritmo da terra***, as provocações giram em torno de que a humanidade é movida pela ideia de futuro e pela ambição. Segundo Krenak, o homem, ao longo da vida, empenha-se na aquisição de bens materiais, embasados na forma como é educado e como a sociedade se organiza, o que configura um mal que assola a todos. Para o autor, há que se considerar todos os seres horizontalmente, de modo que nenhum seja superior ao outro. Isso também seria uma forma de garantir a vida e, consequentemente, o futuro. Quanto a essa visão, o autor enfatiza: "Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da vida são uma constelação de seres – humanos e não humanos" (Krenak, 2022, p.101).

Além dessa visão de convivência, Krenak elenca experiências da comunidade da qual faz parte, para exemplificar como é viver sendo parte da natureza e como isso é importante. Também provoca uma reflexão acerca do modelo educacional aplicado no país e salienta as vantagens do modelo implementado nas aldeias indígenas, afirmando que as crianças Krenak

anseiam por serem antigas, pois reconhecem nos mais velhos a possibilidade de viver outros mundos, mediante o aprendizado advindo das experiências deles. Além disso, acrescenta: “o que as crianças apreendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra” (Krenak, 2022, p.118). Mais uma vez, o autor relaciona, com delicadeza e muita poesia, o futuro aos ancestrais enquanto insere, de forma sutil, uma crítica política, destacando a importância de reconectar-se com a terra como um gesto de resistência e de transformação social.

Portanto, recomenda-se, indubitavelmente, a leitura provocante e, ao mesmo tempo sensível, dessa obra, para aqueles dispostos ao desafio de conhecer outras formas de pensar o mundo e a relação homem-natureza. Recomenda-se, ainda, para estudantes, pesquisadores e interessados em preservação ambiental, além daqueles que gostariam de compreender a forma de vida de povos originários. É também um excelente exemplo da escrita indígena para ser lido e comentado com estudantes, a partir do Ensino Médio, em diversas áreas do conhecimento como Ciências Humanas e Linguagens. Enfim, trata-se de uma reflexão importante para toda a sociedade brasileira, para os governantes e para os simpatizantes da luta dos povos originários do Brasil.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. 2024. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak. Acesso em: 29 jun. 2025.

AMAZON. [s.d.]. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Futuro-ancestral-Ailton-Krenak/dp/6559211541. Acesso em: 29 jun. 2025.

CASTRO, E. V. D. Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, [s. l.], v. 4, n. 3, p. 469–488, 1998. https://doi.org/10.2307/3034157.

CASTRO, E. V. D. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, [*s. l.*], v. 2, n. 2, p. 115–144, out. 1996. https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988. https://doi.org/10.2307/3178066.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 122 p.

SANTOS, M. **As cidadanias mutiladas**. In: LERNER, Jaime (org.). *Preconceito.* 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

Editores do artigo

Alex Lara Martins, Jandresson Dias Pires e Mariana Mapelli de Paiva